

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007

Classificação, o ideal moderno de ordenar o Mundo

Ricardo Alexandre Santos de Sousa¹

Resumo: A Modernidade vem acompanhada inevitavelmente da intenção de atribuir ordem ao Mundo e à natureza por meio da classificação. A taxonomia que emerge juntamente com as ciências do séc XVIII tem a intenção clara de classificar, ordenar o mundo e controlar o caos que seria o grande inimigo do pensamento moderno. Essa prática ordenadora, no entanto tem conseqüências não somente no saber científico, mas na sociedade em geral, já que o ideal ordenador coloca à margem aquilo que não se encontra passível de uma classificação clara.

Palavras-chave: Modernidade – classificação – taxonomia.

Abstract: Modernity is inevitably together with the intention of attributing order to the World and nature by classification. The taxonomy that emerges together with the sciences of the eighteenth century has the clear intention of classifying, commanding the world and controlling the chaos that would be the great enemy of modern thought. This practice, however, not only has consequences in the scientific knowledge, but in the society in general, as the ideal of order sets aside everything which is not available for a clear classification.

Keywords: Modernity - classification - taxonomy.

As grandes alterações no campo das ciências que a Europa experimentou a partir do Renascimento, bem como a descobertas de novos continentes levaram o homem a travar contato com um mundo diverso que transformou profundamente a vida dos povos. As novas tecnologias, o contato com novas civilizações, bem como as profundas mudanças político-econômicas faziam urgir no homem europeu uma necessidade de atribuir ordem ao mundo que se lhe descortinava.

Ao atribuímos nome a algo que nos é novo não o fazemos, no entanto, sem classificarmos tal objeto, a partir de determinadas categorias que nos parecem familiares.

“Classificar significa separar, segregar. Significa primeiro postular que o mundo consiste em entidades discretas e distintas; depois que cada entidade tem um grupo de entidades similares ou próximas ao qual pertence e com as quais conjuntamente se opõe a algumas outras entidades;” (BAUMAN. 1999: 9).

A taxonomia que emerge juntamente com as ciências do séc. XVIII, ao tentar dar nome às coisas, seja na botânica, na zoologia, na física ou ciências naturais procura antes de

¹ Mestrando da Casa de Oswaldo Cruz (COC); bolsista da CAPES.

tudo atribuir ordem ao novo e o faz segundo um determinado olhar, ou perspectiva. A questão central é “que tipo de mundo é esse?” e “qual o meu lugar nele?” (KNIGHT.1981: 13).

Classificar, portanto, é uma atividade eminentemente humana e que conseqüentemente não estará isenta de falhas, enganos ou modelos que ao tentarem controlar o fluxo da vida acabem por impor à realidade certos moldes que nem sempre se encaixam.

Na perspectiva Platônica as coisas teriam uma essência que as uniriam em determinado grupo. A cor vermelha, por exemplo, em todas as suas variações ou tonalidades guardaria em si uma qualidade essencial do vermelho.

No entanto, há cores que podem ficar no limite, como o laranja que em certas situações poderia ser classificado como vermelho e em outras não. São justamente esses elementos que se encontram à margem que tornam difícil o intento classificatório do ser humano.

As ciências não estariam isentas destas incertezas na forma de classificar. A química, ao classificar um elemento como metal ou não metal, em alguns casos pode fazê-lo com certa segurança, mas alguns elementos não se portam da forma esperada pelos cientistas. Um destes exemplos se deu quando em 1807 Humphry Davy isolou a base do potássio utilizando corrente elétrica e pode observar esse elemento flutuando em água e se decompondo tão violentamente que o hidrogênio liberado se incendiava. Esse tipo de reação colocou Davy num dilema quanto à classificação, pois uma das características tidas como essencial de um metal no séc. XIX é a de que esse fosse pesado o bastante para não flutuar. Davy a princípio chamou a substância pelo nome neutro de “potagen”, alguns dias de trabalho a mais foram necessários para conferir-lhe a possibilidade de classificar a substância como um metal rebatizando-o como “potasium” e posteriormente “potassium” (*id*: 18).

Darwin, que revolucionou a taxonomia após Linnaeus, também passou por problemas para classificar determinados organismos – até 1830 eminentes naturalistas classificavam os cirripédios como moluscos e também Darwin dedicou muitos anos de sua vida estudando esses organismos, após ser chamada atenção por T. V. Thompson para o fato de que as larvas dos cirripédios tinham uma aparência muito mais próxima de camarões e que somente em sua idade adulta é que se fixavam. Parecia-lhe estranho que um indivíduo adulto parecesse numa posição mais baixa em sua escala natural do que suas larvas. Além disso, chamava-lhe atenção o fato de que determinada espécie de machos adultos terem

aparentemente passado por um processo degenerativo que o reduzira a uma bolsa de espermas acoplada à fêmea. Observando tais seres Darwin e Thompson puderam classificar tais cirripédios não mais como moluscos, mas como crustáceos. E, além disso, concluir que a natureza não dá saltos, mas existe uma muito pequena gradação entre as espécies se torna fundamental para o pensamento evolucionista (*ibid*: 13 –14).

Como vemos classificar não é uma tarefa simples, e muito menos isenta de falhas. Lavoisier e seus associados, em fins do séc. XVIII levaram avante a reforma da nomenclatura química, de forma a fazer uma divisão clara entre o saber científico e a especulação leiga. Elementos seriam assim nomeados conforme suas propriedades, por exemplo, o termo oxigênio teria como significado “gerador de ácido” ao passo que hidrogênio “gerador de água”. No entanto, um quarto de século após, se poderia perceber a formação de acidez sem a presença do suposto gerador, o oxigênio. Sendo assim, uma nomenclatura que se encontra estabelecida acaba, não intencionalmente, eternizando um engano. (*ibid*: 24).

Se as sociedades humanas mudam ao longo do tempo, os modelos classificatórios também tendem a mudar. Segundo Mauss e Durkheim escrevendo em 1903 sobre modelos classificatórios primitivos, afirmavam que a classificação espelha o modelo social. (*ibid*:29). Talvez a relação não seja tão direta quanto uma imagem refletida no espelho, mas certamente, o ser humano busca símbolos e significados que lhes sejam familiares. Tais símbolos são de alguma forma transpostos para a natureza como forma de interpretá-la e, depois de naturalizados, são novamente transportados para a sociedade como um aval de que a estrutura social se encontra em harmonia com o fluxo natural da vida.

No séc. XVII a perspectiva classificatória em geral seria baseada na “Grande Cadeia do Ser”, a qual postula que as criaturas seriam como elos de uma corrente que inicia com os minerais, vegetais, animais, homens e anjos. Um modelo que apresenta bastante similaridades com o etos do *Ancien Régime*.

John Ray, Botânico do Trinity College em 1662 volta-se para o modelo Aristotélico onde elege similitudes anatômicas para agrupar determinadas espécies em famílias. Ao retornar ao modelo Aristotélico Ray preparou o caminho para que mais tarde Linnaeus, considerado pai da taxonomia moderna, elaborasse um sistema classificatório o qual reconhecia como criado artificialmente e que enfim incluía o homem juntamente com os animais na 10ª edição de seu *Systema naturae* na classe *Mammalia*.

Linnaeus conseguiu através de suas tabelas sistematizar a taxonomia de modo a permitir certa unificação da linguagem científica, o que torna seu trabalho bastante importante. Sua maneira de classificação seria basicamente calcada em características morfológicas e ainda que o sistema sexual das plantas tivesse grande destaque na forma como estas seriam classificadas em suas tabelas, tal característica não era analisada segundo sua forma funcional, até mesmo porque muitas das espécies estrangeiras por ele estudadas e classificadas era feito a partir de plantas secas ou mesmo de pinturas feitas por viajantes.

O Sistema de Linnaeus, no entanto não se referia somente às plantas, que eram sua especialidade, mas incluía três reinos da natureza: os animais, os vegetais e os minerais; os quais eram separados entre si segundo a perspectiva de que “minerais crescem; plantas crescem e vivem e animais crescem, vivem e sentem”. Toda a estrutura dos seres baseava-se evidentemente no princípio da fixidez das espécies, o que somente no século posterior seria questionado a partir da análise de fósseis de grandes animais extintos.

Não cabe nesse resumo, e nem é objeto de nosso trabalho descrever os modelos taxonômicos e suas modificações ao longo da história, mas perceber a necessidade da perspectiva moderna de ordenação do mundo, como forma de controlar a natureza.

Nomes como Cuvier, que a partir de fósseis de animais pré-históricos elaboram uma teoria de sucessões de catástrofes como forma de explicar as diferentes formas de vida encontradas em camadas diferenciadas de sedimentação; ou Agassiz que em sua obstinação classificatória descreveu mais de 1700 espécies em seu *Recherches sur les poissons fossiles* e em sua viagem à Amazônia o número de espécies seria consideravelmente ampliado.

Lamarck com o evolucionismo rompe com a fixidez das espécies, colocando em discussão de forma bastante radical o quadro classificatório no século XIX, bem como Charles Darwin com o lançamento de seu controvertido *Origem das Espécies* em 1859.

A grande questão, no entanto, continua sendo a mesma “que tipo de mundo é esse?” e “qual o meu lugar nele?” Essa é uma questão que emerge com a Modernidade e a disposição do homem moderno de ordenar o Mundo. Os problemas enfrentados por Darwin na classificação dos cirripédios por ele estudados que os deixavam à margem da classificação entre molusco ou crustáceo ou ainda o problema similar enfrentado por Davy ao deparar-se com um elemento que se comporta como metal em alguns aspectos e em outro não, são problemas eminentemente Modernos. Na medida que a Modernidade tem dificuldade de lidar

com aquilo que é ambíguo, ou seja, aquilo que é passível de mais de um tipo de classificação, ou que se encontra à margem de qualquer forma de classificação.

Segundo Zigmunt Bauman a ordem e o caos são gêmeos modernos, pois por mais que se tente ordenar a vida classificando e determinando assim o lugar e a fronteira para cada objeto e ser. Criam-se novas ambigüidades como consequência imediata da criação de novas fronteiras, na medida que o fluxo da vida não se deixa conter por tais fronteiras.(BAUMAN. 1995: 13).

O desejo ordenador do homem moderno pode ter, no entanto, consequências drásticas na medida que pensarmos o híbrido, o mestiço, o de difícil classificação como insurgente contra a ordem e propagadores do caos e se a questão fundamental é realmente, como mencionamos qual o nosso lugar na natureza, à medida que o próprio homem começa a ser classificado em raças diferenciadas como pretenderam os fisiologistas do séc XIX, tais raças passam a ter um valor diferenciado entre si e a mistura delas seria a insurgência contra o ideal moderno ordenador.

Esse tipo de pensamento racial se reflete em grande parte dos pensadores do séc XIX e deve ser entendido dentro de um contexto maior que é o ideal ordenador moderno opondo-se ao caos e que teve consequências bastante graves para a humanidade que viveu fenômenos como eugenia, segregacionismo e sistemas políticos totalitários que pensavam o Estado como um jardineiro pronto a cultivar as “plantas desejáveis” e arrancar as “ervas daninhas”, como foi o caso do Nacional Socialismo.

O Brasil como país onde o intercuro entre as “raças” se deu de forma sistemática tornou-se alvo de análise de alguns cientistas oitocentistas que em geral pensavam como inviável a construção de uma nação mestiça civilizada nos trópicos e isso em grande parte por o elemento mestiço ocupar um lugar de difícil classificação dentro do esquema de raças biológicas definidas naquele momento.

Viajantes como o conde francês Joseph Arthur de Gobineau que esteve na corte do Império Brasileiro de 1869 a 1870 ou o suíço Luis Agassiz que juntamente com sua esposa americana Elizabeth Cary Agassiz e um grupo de jovens cientistas em expedição à Amazônia de 1865 a 1866, apesar de suas diferentes vinculações científicas proclamavam a uma só voz a inviabilidade do império dos trópicos, caso não se tomasse providências legais que facilitasse a imigração de colonos europeus para nossas terras. Isso pode ser entendido como uma faceta

do ideal ordenador da modernidade e sua prática classificatória delimitadora como a força motriz para tais iniciativas.

Referências bibliográficas:

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
KNIGHT, David. **Ordering the world** – a history of classifying man. London: Burnett Books Limited, 1981.